



Cantoria de Viola em Caicó/RN: uma percepção do estado atual desta arte musico-poética pelos relatos dos cantadores de viola dessa cidade.

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Joalisson Jonathan Oliveira Diniz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - joalissondiniz@outlook.com

Resumo: A cantoria de viola é uma manifestação cultural comum no Nordeste brasileiro. O objetivo deste trabalho é analisar o estado atual da cantoria na cidade de Caicó/RN. Para isso foram realizadas entrevistas com os atores desta prática poético-musical. O procedimento metodológico deste trabalho se insere no âmbito das pesquisas qualitativas, privilegiando o método etnográfico. Ao fim deste estudo, procuramos compreender como se configura cantoria de viola atualmente.

Palavras-chave: Cantoria de viola. Cantadores de viola. Caicó/RN.

Cantoria de Viola: a Perception of the Current State of this Musico-poetic Art by Reports of the Singers Viola this City.

Abstract: The cantoria de viola is a common cultural manifestation in northeastern Brazil. Objective of this work analyze the current state of the cantoria in the city of Caicó/RN. To this were interviews conducted with the actors of this poetic-musical practice. The methodological procedure of this work covers the scope of qualitative research, focusing on the ethnographic method. At the end of this study, We are trying to understand how to set up the cantoria de viola currently.

Keywords: Cantoria de viola. Singers viola. Caicó/RN.

1. Considerações Introdutórias

A região Nordeste abrange, em seu contexto cultural, diversas formas de expressões musicais. Muitas delas foram herdadas através dos processos de colonização, tendo como fator inicial uma determinada expressão oriunda de uma cultura estrangeira, as quais foram adaptadas ao contexto cultural em questão e que, com o tempo consolidaram suas próprias identidades. Entre estas expressões está a Cantoria de Viola, cuja prática é caracterizada por dois indivíduos que improvisam em um duelo poético-musical, utilizando como instrumento acompanhador a Viola Nordestina.

Neste trabalho analisamos o estado atual da cantoria de viola na cidade de Caicó-RN, através das considerações dos cantadores de viola da cidade citada. A elaboração deste trabalho foi fruto dos relatos dos violeiros, recortados de meu trabalho de conclusão de curso intitulado Música e Poesia: um estudo dos processos de transmissão de conhecimentos entre

os violeiros de Caicó-RN, que trata dos processos de transmissão de conhecimento em contextos que estes músicos se inserem.

A metodologia utilizada neste trabalho se insere no âmbito das pesquisas de cunho qualitativas, tendo em vista que o enfoque desse método é conseguir obter a descrição dos dados colhidos, colocando o pesquisador na situação de intermediário em graus de proximidade direta e interação com as circunstâncias do campo a ser estudado (BRESLER 2007: 8). Assim, aplicamos entrevistas semiestruturadas que, segundo Boni e Quaresma (2005: 75) são entrevistas que harmonizam perguntas abertas e fechadas, de modo que o sujeito que está dando as informações tenha a possibilidade de expressar, por meio de seu discurso e suas ideias acerca do assunto sugerido. Tal como privilegiamos alguns métodos e técnicas da etnografia.

Como privilegiamos alguns métodos e técnicas da etnografia, neste trabalho o observador é participante na entrevista e na análise documental. A relação de proximidade entre pesquisador e o pesquisado e a maleabilidade para alterar os destinos da pesquisa enfatizam o processo e não apenas o produto final. O estímulo à opinião dos investigados sobre suas próprias experiências, a não intervenção no local pesquisado e a coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório (GERHARDT;SILVEIRA, 2009), são aspectos dessa prática etnográfica. A coleta dos dados se deu por meio de gravação de áudio e registro em diário de campo – este último possibilita o hábito de escrever, uma observação mais atenta, descrever com exatidão e refletir acerca dos eventos ocorridos (FALKEMBACH, 1987 apud GERHARDT;SILVEIRA, 2009: 76). A técnica de gravação utilizada nesta pesquisa é a gravação analítica que, Segundo Pinto (2001: 252), “é aquela que é feita, ou dirigida, a partir de um projeto de pesquisa definido de antemão pelo pesquisador”.

2. Cantoria

Como nos afirma Ramalho (2000), a cantoria tem sua origem ligada diretamente à Península Ibérica. Entretanto, possui traços de outras tradições e fazeres poético-musicais heterogêneos. Um exemplo disso é a França – país em que a poesia popular começou a florescer com maior realce por volta do século XI – com a arte trovadoresca e sua poesia lírica e canção gesta. Soler (1978) supõe que os cantares dos nossos romanceiros, assim como os toques das nossas violas e rabecas, ressoam as cordas dos instrumentos trazidos pelos judeus cristãos-novos vindos para o Brasil.

O primeiro relato de uma cantoria, no qual participaram dois violeiros, nos remete ao ano de 1870, na cidade de Patos, Estado da Paraíba. Trata-se da narrativa da

famosa pejeja entre Inácio da Catingueira – nascido em 1845 e falecido em 1881 na vila de Catingueira-PB e sendo, para os narradores o escravo que engrandeceu a cantoria pela beleza e espontaneidade de engenho poético – e Romano do Teixeira, ou Romano da Mãe d'Água (1840-1891). Esta pejeja ocorreu em um local chamado Casa do Mercado. Dizem que esta cantoria foi muito longa, devido às grandes habilidades que estes dois cantadores possuíam, sendo realizada durante uma semana inteira.

Segundo contam os relatos, não houve vitorioso dado o nível de habilidade dos cantadores de viola, mas em decorrência da fadiga acumulada, comentam que o cantor Romano desistiu do embate, conforme nos informam Filho (1953) e Cascudo (1984).

A cantoria parece ter florescido na Serra do Teixeira (PB). Muitos mestres da cantoria são dessa região, como Agostinho Nunes da Costa (1797-1852) juntamente com Antônio Ugolino Nunes da Costa, Ugolino do Sabugi (Teixeira – 1832-1895), ambos filho dele, tido como o primeiro grande cantor brasileiro, e Nicandro Nunes da Costa (Teixeira – 1829-1918), popularmente conhecido como o poeta ferreiro. Nesse primeiro momento, a cantoria surgia e consolidava-se, não só como forma de expressão poético-musical, mas, também, como um meio de trabalho e renda para os vates.

Na Paraíba, vamos encontrar outros artífices dessa manifestação cultural, como Silvino Pirauá Lima (Patos- PB – 1848-1913), responsável por introduzir a sextilha tanto no cordel como na cantoria e pelo do uso da “deixa” e do “martelo-agalopado”, como ainda são cantados atualmente; Germano Alves de Araújo Leitão (Germano da Lagoa, Teixeira – PB – 1842-1904), um cantor que possui grande notoriedade nesse tempo, sendo citado por Câmara Cascudo como, “Violeiro afamado, repentista invencível, mestre-de-armas sertanejo, jogando bem espada e cacete, era mais inteligente que letrado.” (CASCUDO, 1984: 309). Porém, a figura que teve maior destaque foi o poeta Zé Limeira, “o mais famoso cantor de Teixeira, chamado de o mais mitológico dentre todos os repentistas surgidos no Brasil” e “o maior poeta surrealista do mundo” (MEMÓRIAS DO CORDEL, 2014). O teixeirense nascido no sítio Tauá, foi objeto de estudos em universidades da França. Conforme alguns estudiosos, além do talento na poesia e no repente, Zé Limeira chamava atenção por seus trajes aberrantes e seu matulão.

3. A Cantoria em Caicó

A cantoria na cidade de Caicó se assemelha à de outras localidades. Nessa cidade do Rio Grande do Norte, a cantoria teve seu momento de ascensão e consolidação com o cantor Chico Mota. Ele foi responsável pela criação – juntamente com o poeta José Soares em 01/05/1963, na Rádio Rural de Caicó – do programa “Violeiro do Seridó”, o mais antigo

do gênero, no Brasil. Em 1964, Chico Mota passou a cantar ao lado do poeta Cícero Nascimento, alegrando as manhãs do rádio seridoense por 48 anos ininterruptos (MOTA, Entrevista em 05/11/2015).

4. Entrevistas com os Violeiros

Na pesquisa foram realizadas quatro entrevistas, três com os violeiros Antônio Silva, Cícero Nascimento e Geraldo Brito e uma com o articulador cultural Djalma Mota, Filho de Chico Mota.

4.1. Entrevista 1) Geraldo Brito

Geraldo Brito observa que, com o passar do tempo, a cantoria foi se modificando. Antes os poetas tocavam sem o aparato tecnológico, essa era a chamada “Cantoria de Pé-de-parede”, aquela cujas realizações ocorrem em bares, sítios, casas e mercados públicos, enfim lugares que possibilitem certa aglomeração de pessoas (MELLO, 2012: 150). Ele também falou do problema do tempo que passavam tocando e de não haver uma regularização da quantidade de horas que passavam tocando. Colocou que isso mudou a partir do poeta Ivanildo Vilanova, que estabeleceu o limite de 3 horas por cantoria. Geraldo diz, que:

Ah, quando eu comecei não existia som, cantava no peito, agente cantava aquela “Cantoria de Pé-de-parede”, no peito. Hoje tem o som, antes se cantava eh... uma cantoria, por exemplo, começa às 8hrs da noite terminava às 3hrs da manhã, 4hrs da manhã. Ai mudou, o poeta Ivanildo Vilanova colocou um obstáculo pra ter aquele horário de cantoria de 3hrs ou 4rs no máximo, ai fechou aquele contrato de 3hrs ou 4rs de cantoria (BRITO, Entrevista em 06/08/2015)

Outro ponto interessante nessa entrevista é quando o poeta Geraldo fala sobre como está seu relacionamento com a viola, enquanto fazer substancial para seu sustento financeiro. Ele diz que não está fácil sobreviver da viola em Caicó. Que tem, muitas vezes, que viajar para outras cidades – no período dessa entrevista ela ia viajara para São Paulo, para tocar e cantar, somente regressando em novembro:

Eu vivo só da cantoria, mas tem que ir buscar fora, tem que viajar pra fora, pra longe e hoje São Paulo é uma praça, uma das melhores praças da cantoria é São Paulo. Eu estou viajando pra São Paulo, estou viajando hoje. Já estou com muitas coisas agendadas lá. Aqui mesmo no Seridó não dá pra sobreviver da viola, aqui não tem incentivo nenhum pra viola. [...] também faço e concerto viola com um rapaz de São Mamede concertando, fazendo e vendendo pra outros cantadores (BRITO, Entrevista, 06/08/2015).

Segundo Geraldo a cantoria na região do Seridó está sem a devida valorização que merece. Em decorrência disto os poetas estão tendo que migrar por causa da falta de incentivo e que, tal como o poeta Brito, muitos tentam “fazer a praça” em outros lugares. Antes era bem

mais difícil fazer cantoria, pois faltava equipamento e o desgaste era grande, pois, por vezes, faziam longas poesias e só recebem o dinheiro da “tigela”. Hoje está melhor de se fazer cantoria, contudo, percebe-se, segundo a ótica colocada nos comentários de Geraldo, que antes com todas as diversidades mencionadas ela era mais presente naquela região. Embora este fato pareça comprometer a continuidade da cantoria vemos que muitos jovens estão adentrando na cantoria.

4.2. Entrevista 2) Cícero Nascimento

Nesta entrevista um ponto a qual foi dado destaque foi sobre as considerações a cerca das mudanças que Cícero Nascimento percebeu na cantoria, dentre elas está a falta de violeiros improvisadores que antes era o comum, mas que hoje devido à tecnologia muitos só decoram e, segundo ele, em alguns casos chegam plagiar:

É muito grande a diferença. A diferença é de 100%, porque em cada uma década nasce novos cantadores e dentro desses cantadores há uma diferença muito grande hoje cantador começa a cantar ele tem o rádio, tem a internet, tem tudo, tem celular, tem um monte de coisas que ele se liga ai e ver tudo da cantoria, decora ou escuta muita cantoria, escuta o trabalho dos outros e por aquele trabalho ele se orienta, às vezes canta plagiando o trabalho do outro é muito diferente daquele tempo que uma cantoria muito dura, muito difícil de fazer. Cantador não tinha acesso a ambiente, não podia chegar e entrarem rádio hoje o cantador tem tudo isso. [...] eu tenho seis décadas na cantoria e nota que a cada dez tem uma mudança muito grande. Hoje tem cantador que começou o ano passado e tá cantado já através da facilidade que ele tem de ver as coisas, o acesso. O cantador não ainda de pés, como a gente começou andávamos de pés com a viola cortando o sertão fazendo cantoria, viajando três léguas de pés. [...] fiz muito isso até chegar a casa da cantoria, só que a cantoria era mais na fazenda, no sítio e você chegava de tarde, as vezes numa casa onde o povo gostava de cantoria a noite já estava cheia de gente. Hoje você passa um mês avisando uma cantoria num sítio, quando chega lá também pouquinha gente (NASCIMENTO, Entrevista em 30/10/2015).

O que podemos relacionar é que com o advento da tecnologia, os poetas têm uma maior facilidade para adquirir as informações sobre a cantoria de viola. Mas quando nos remetemos ao modo prático do fazer poético-musical da cantoria, notamos, por vezes, que há um distanciamento dessas vivências em termos reais que são a essência das culturas de tradição oral. Assim podemos começar a entender os motivos pelos os quais o poeta Cícero diz que a qualidade, o plano estético, da cantoria está definhando, seria então, devido aos cantadores novos deixarem de lado sua particularidade maior que é a improvisação e que é também o que caracteriza a qualidade do cantador enquanto repentista.

Entretanto, também, percebe-se que isso, talvez, seja um processo comum existente em todas as manifestações culturais, pois nelas existem modificações que permitem suas continuidades. Batista (2010: 105), afirma que “[...] Claro que toda cultura é

mutável, de forma constante, assim a cada inovação ou descoberta, uma nova concepção e uma reforma de conceito é formada, e juntamente com ela a manutenção da cultura existente”. Então, pressupõe-se que estão surgindo novas formas de cantoria que se associam a novas possibilidades de trabalho e continuidade cultural.

4.3. Entrevista 3) Antônio Silva

O violeiro Antonio Silva observa que atualmente a cantoria não tem parceiros definidos. E que isso fica, por vezes, a critério dos contratantes ou do próprio violeiro, Ele fala que:

Antigamente existia muito a questão de dupla, hoje já não existe mais, raramente tem uma dupla trabalhando com um único parceiro. Hoje os cantadores fazem uma semana com um e com outro, agente vai montando as agendas. O *cara* liga: “quero uma cantoria com você e cantador fulano de tal”. Ai você já agenda a data, o mês, vai fechando a agenda. [...] a única dupla fechada que conheço é Antônio Lisboa e Edmilson Ferreira e os Nonatos que até deixaram de ser cantadores, hoje são cantores (SILVA, Entrevista em 30/10/2015).

Na sequência deu continuidade ao modo como era a cantoria antes e como é hoje:

A cantoria quando eu comecei ainda se chamava cantoria 100% improviso, que a gente “primora” por isso, a gente faz questão de cantar só por improviso. Tá muito gratificante surgir novos cantadores, isso é bom, pois é um sinal que cantoria não vai acabar, mas tem, também, um problema, uma questão, que a grande maioria dos cantadores que estão surgindo estão perdendo, o hábito de cantar de improviso, tão assassinando a cantoria de improviso é o assassinato do improviso. Vão cantar em um determinado local levam, praticamente, 50/60% da cantoria pronta. Passa o dia sentado em frente ao computador pesquisando, escrevendo e decorando e passando pro povo da cantoria. É bonito, mas quando parte pra um mote, um tema de improviso, a queda é grande, contribuindo com o assassinato do improviso. [...] o doce da cantoria é o improviso. [...] um verso de improviso bem feito é como um gol bem terminado, a surpresa é grande (SILVA, Entrevista em 30/10/2015).

Aqui, as ideias de Antônio Silva se encontram com as de Cícero Nascimento: ambos defendem que a improvisação é um aspecto central da cantoria de viola, o cantar de repente, criar no ato da performance. Mas, a cantoria se adapta aos meios tecnológicos para perpetuar suas práticas, a partir de mudanças no processo de ensino e aprendizagem da cantoria de viola, quando não há mais tanto tempo disponível para o aprimoramento da habilidade da improvisação; quando ela se espraia para âmbitos culturais e geográficos dos mais diversos e não há tantos violeiros hábeis na improvisação para suprir a essa própria demanda de consumo e com a possibilidade de se escrever antecipadamente os versos que serão cantados posteriormente nas cantorias, os violeiros cada vez mais deixam de ser repentistas e se tornam cantadores, a cantoria se atualiza e tem mantida a sua continuidade.

Lóssio (2005: p. 1) aponta que “a cultura popular cria e inventa formas de vida em seu cotidiano. Há de se considerar que, na busca de suas necessidades imediatas, a cultura popular se apropria do real reproduzindo-o de forma simbólica diante das suas condições de trabalho e de vida”.

5. Considerações Finais

Nos relatos que compuseram a pesquisa deste trabalho é perceptível as mudanças da cantoria ao longo dos tempos. Observamos que ela mudou em aspectos estruturais que garantiram a melhoria da prática da arte repentista. Os cantadores noutros tempos tinham que por vezes deslocar “a pé” até os locais onde se realizavam as pelepas, por vezes tendo que passar pela desgastante situação de começar tocar ao entardecer e só parar perto do sol raiar. Nos dias atuais isso mudou depois de acordos feitos pelos cantadores que estabeleceram horários fixos e cachês pré-estabelecidos. Outro ponto foram as condições de equipamentos que antes eram poucos e hoje se tem, nas cantorias, o apoio de equipamentos sonoros, tendo em vista que antes era tudo feito “no peito” como relatam os violeiros.

Por fim, percebemos que a cantoria, segundo os entrevistados, está perdendo sua essência devido às facilidades que os novos violeiros têm para escrever previamente seus versos, e com isso se perde em improvisação. Entretanto, isto é comum em se tratando de cultura, pois ela muda conforme mudam alguns aspectos sociais do seu entorno. Mas, também existem outros jovens poetas que segundo os violeiros têm uma grande aptidão para o improviso que é a essência da cantoria. Então percebemos que ambos os casos contribuem para a continuidade da cantoria de viola, pois, nota-se que está havendo uma forma de aprendizado/transmissão e que isso é muito importante para a continuação da cantoria.

Referências

- BATISTA, Jefferson Alves. Reflexões Sobre o Conceito Antropológico de Cultura. *Revista Saber Eletrônico*, Jussara, Vol. 1, N. 1 Nov / Jun, p. 102-109, 2010. Disponível em: <http://www.unifaj.edu.br/NetManager/documentos/reflexoes%20sobre%20o%20conceito%20antropologico%20de%20cultura.pdf>. Acessado em: 10/11/2015.
- BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 16, 7-16, mar, 2007.
- BRITO, Geraldo. Entrevista de Joalisson Jonathan Oliveira Diniz em 06/08/2015. Caicó. Mp3. Rádio Rural Caicó.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Coleção Ciências da Educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, Vol. 2, nº 1, p. 68-80, jan./jul.2005.
- CASCUDO, L. C. Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.



FALKEMBACH, E. M. F. *Diário de campo: um instrumento de reflexão*, 1987. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acessado em: 11 de outubro de 2015.

FILHO, Francisco Coutinho. *Violas e repentos*. Recife: ed. Leitura, 1953.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acessado em: 11 de outubro de 2015.

MELLO, Vitor Rebello Ramos. *Memórias repentinas: a construção poética do nordeste pelos repentistas da Feira de São Cristóvão (RJ)* / Vitor Rebello Ramos Mello, 2012. 211f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MOTA, Djalma. Entrevista de Joalisson Jonathan Oliveira Diniz em 05/11/2015. Caicó. Mp3. Rádio Rural Caicó.

NASCIMENTO, Cícero. Entrevista de Joalisson Jonathan Oliveira Diniz em 30/10/2015. Caicó. Mp3. Rádio Rural Caicó.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. *Rev. Antropol.* [online]. 2001, vol.44, n.1, p. 222-286. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5345.pdf>> Acessado em: 11 de outubro de 2015.

SILVA, Antônio. Entrevista de Joalisson Jonathan Oliveira Diniz em 30/10/2015. Caicó. Mp3. Residência do Entrevistado.

SOLER, L. *As raízes árabes na tradição poético-musical do sertão nordestino*. Recife: Ed. Universitária - Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, 1978.

RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria Nordestina: Música e Palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.